



APARECIDAS, IEMANJÁS E OUTRAS “MINAS”: AMBIVALENCIAS NAS REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO FEMININO.

APARECIDAS, IEMANJÁS AND OTHER CHICKS: AMBIVALENCES IN REPRESENTATIONS OF THE SACRED FEMININE

Leda Guimarães/FAV/UFG
Associado/a/e ANPAP: (X) sim

RESUMO

Esse texto tem como objetivo apresentar jogos narrativos a partir de representações de Nossa Senhora Aparecida e de Iemanjá. Estudos da cultura visual amparam o exercício de *looping* com as visualidades encontradas, considerando que “fenômenos visuais são construídos com base em outros fenômenos visuais bem como são empregados repetidas vezes em contextos de constantes mudanças” (Illeris e Arvedssen, 2016, p.28). O intento da escrita busca ressaltar questões de racismo e gênero em torno das visualidades trabalhadas neste exercício, que pode ser útil para a compreensão de um ensino de arte na perspectiva de uma pedagogia cultural de fronteira (Fernández e Dias, 2014) na qual as visualidades se situam em espaços de entremeios, o que neste texto, chamo de ambivalências.

PALAVRAS-CHAVE

Representações femininas, Divindades, Apropriações e resistências culturais, Visualidades dissidentes

ABSTRACT

This text aims to present visual narrative based on representations of Our Lady of Aparecida and Iemanjá. Visual culture and cultural pedagogies studies support the looping exercise of searching images of those deities considering that “visual phenomena are constructed based on other visual phenomena and are used repeatedly in contexts of constant change” (Illeris and Arvedssen, 2016, p.28). The intention was to highlight issues of racism and gender conflicts around the visualities that popped up on google search raising questions that can be useful for understanding visual art teaching based on a perspective border’s cultural pedagogy (Fernández and Dias, 2014) in which visualities are located in spaces between, which I recognize as ambivalences.



KEYWORDS

Deities images, Resistences and Cultural appropriations, Dissident visualities

Aparecida – das redes, das águas, dos andores e altares

Este texto nasce de um exercício com imagens de Nossa Senhora Aparecida e Iemanjá, as quais chamo carinhosamente de “minas”. Busquei construir uma narrativa com as ambivalências nas suas representações pescadas na internet para pensar em como as imagens são poderosas fontes de pedagogias culturais e claro, fonte de investigação no campo das artes e cultura visual. Operações de hibridismos, apropriações e ressignificações foram trazendo ambivalências em torno das imagens encontradas. Com base em Foucault, Rosa Fischer (2001) chama atenção para o fato de que a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos. Assim, este exercício, também objetiva pautar possibilidades para uma docência crítica investigativa com imagens.

Pessoas que visitam o Brasil pela primeira vez podem estranhar a entronização de uma imagem negra como padroeira do Brasil, sendo que, ao caminhar nas ruas ou ao assistir novelas, ver anúncios publicitários em mídia impressa ou digital, perceberá que a representação da população negra nesses lugares é majoritariamente de pessoas não negras. É fato que na atualidade mudanças tem acontecido, começamos a ver novelas com negros e negras em papéis importantes, aparecem também em outros lugares e em outras mídias. Mas, essas mudanças não invalidam a pergunta: -cadê os filhos e filhas da mesma cor da padroeira dessa sociedade? Se formos as estatísticas de homicídios a situação é mais grave e a pergunta passa a ser, que país é esse que tem a padroeira negra e que está matando seus filhos da sua cor?



Imagem 1: Print da página do Atlas da Violência contra a população negra no Brasil. Fonte: Atlas da violência, IPEA, (2021).

Mas, Aparecida nem sempre foi negra, já foi representada como uma santa branca no início do século XX, começamos então, com esta primeira ambivalência: seu enegrecimento foi resultado de negociações entre população escravizada recém liberta, estado e igreja.

Contam que a aparição da estatuinha de Nossa Senhora (de 39 centímetros e um pouco mais de 4 quilos) ocorreu em 1717, colhida na rede por três pescadores: Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso na região de Guaratinguetá (São Paulo). Na época, o Brasil era organizado politicamente em Capitânicas Hereditárias e Dom Pedro de Almeida, o Conde Assumar, era o governante das capitânicas de São Paulo e Minas Gerais. O conde estava de passagem pelas terras paulistas, no vale do Rio Paraíba indo em direção às minas de ouro.



As autoridades locais, sabendo da vinda de tão ilustre visita, mandam os pescadores pegarem peixes para terem o que oferecer ao Conde e a sua comitiva. Era outubro, mês conhecido na época por não ter muitos peixes. Diante do peso da responsabilidade, e certamente temerosos de prováveis castigos, Domingos Garcia, João Alves e Pedroso se desesperaram ao verem suas redes vazias e rogaram a Virgem Maria para que lhes dessem peixes para poderem voltar em segurança a terra firme. Foi então que um deles pescou em sua rede o corpo da imagem feita de barro. Espantados, jogaram de novo as redes nas águas e desta feita veio a cabeça, que se encaixou no corpo da imagem. Contam que depois disso, foi tanto peixe, que as canoas mal podiam com o peso acumulado. A narrativa tem variações, mas esse é o fio condutor narrativo sobre o aparecimento da pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição, feita de barro e enegrecida pelo lodo do fundo do rio. De aparecida no rio a padroeira do Brasil muitas águas ainda iriam rolar.

De início a imagem foi cultuada de forma profana e extraoficial à igreja católica, uma vez que esta reprimiu ferozmente e por muito tempo o culto, pois não via com bons olhos a aglomeração de pessoas simples em torno da imagem.

A pequena imagem permaneceu na casa do pescador Pedroso durante quase 15 anos. Lá, vizinhos e conhecidos se juntavam para rezar para Nossa Senhora pedindo sua intercessão nas dificuldades da vida. Contam também sobre muitas graças alcançadas por populares escravizados, caboclos e pardos que formavam a imensa maioria da população brasileira, vivendo em condições indigentes. A imagem de barro, já enegrecida pelo lodo do fundo rio, recebeu outra camada de cor oriunda da fuligem das velas acesas ao seu redor, ficando assim, ainda mais negra.

A casa do pescador foi ficando pequena para tanta gente que vinha ver a santa e, foi necessário a construção de um pequeno oratório na cidade de Itaguaçu, a primeira casa própria de Aparecida antes da sua escalada para espaços mais nobres. Em pouco tempo, o oratório dos pescadores ficou pequeno e já não se podia ignorar a fama dessa mina. Nossa Senhora Aparecida dos pobres começava a chamar a atenção de agentes da religião oficial e, ainda no século XVIII, o vigário de Guaratinguetá resolve tomar uma atitude e começa a construir uma capela, para



abrigar a santa. Ainda na transição do profano para o sagrado, o filho do pescador Pedroso ajuda na construção da capela do vigário. Era o ano de 1745 e agora era oficial, Aparecida entra na igreja pela força popular.

Na história do Brasil, igreja e governo andam de mãos dadas, quando não são a mesma pessoa. Em 1822, o imperador Dom Pedro I e sua comitiva, fazem uma visita até a capela para celebrar e homenagear a imagem iniciando assim, a relação igreja-estado na história dessa senhora aparecida.

Ou o vigário calculou mal o poder da santa ou calculou mal o poder do povo devoto. A capela também não atendeu a quantidade de romeiros e fiéis que lá compareciam e em 1834, iniciou-se as obras para a construção de uma Basílica. Em 1868, já no segundo império, a princesa Isabel, também visita a santa, pede graças e oferece à imagem um manto azul anil ricamente bordado com ouro, rubis e diamantes.

Vinte anos depois, em 1888, a mesma princesa retorna a Basílica e desta feita, oferece a coroa feita de ouro, enfeitada com rubis e diamantes como cumprimento da promessa por uma graça alcançada. Será que a mina Isabel pediu para ter oportunidade de empunhar a caneta e assinar a Lei Aurea pondo fim, pelo menos no papel, a escravidão no Brasil? Isabel ficou conhecida como a “redentora”, outro codinome da santa aparecida.

A imagem foi ganhando aparatos do poder monárquico tais como cetro, manto e coroa. Faltava o rito. Esse veio em 8 de setembro do ano de 1904, quando deposto o império, Aparecida é coroada rainha do Brasil (com a peça doada por Isabel) sob a vigência do regime republicano. O império contra ataca e reaviva os ritos católicos em simbiose com novos ritos republicanos. Vestida, coroada e entronizada, a pequena imagem começa então a peregrinar por várias regiões do Brasil. A Basílica é sagrada pelo Papa Pio X em 1909, ampliando assim, a relação estado-igreja para além dos poderes eclesiásticos locais. A localidade que crescia em torno da Basílica, tornou-se independente em 1928 vindo a ser o município de Aparecida do Norte, nome da santa, e onde hoje temos o santuário que atrai milhares de romeiros em sua direção. Essa trajetória indica fortes elementos de aceitação da imagem como salvadora, o que



justifica a apropriação de sua devoção pela Igreja (ainda no século XVIII) e pelo Estado (primeiras décadas do século XX) (LOPES, 2022, p. 4).

As apropriações da devoção do culto da Virgem de Aparecida pela Igreja e pelo Estado demandaram a espetacularização da fé performada em rituais cívicos e religiosos os mais diversos. Por todo o país, em um duplo movimento, tanto da peregrinação da imagem a diversas regiões do Brasil, como consolidou o movimento de romaria à Basílica, e depois ao Santuário de Aparecida, deslocamentos que geram novos sentidos, encenações e novas apropriações pelo povo devoto. Ao discutir a encenação do popular Canclini (2003) afirma que:

“[...] no populismo estatizante, os valores tradicionais do povo, assumidos e representados pelo Estado, ou por um líder carismático, legitimam a ordem que estes últimos administram e dão aos setores populares a confiança de que participam de um sistema que os inclui e os reconhece”. (CANCLINI, p. 264).

Nossa Senhora Aparecida, ao surgir negra nas águas para três pescadores pobres, entregou-se ao povo, envolvendo características fortes para sua aceitação por meios de diferentes estratégias de negociações.

Negociações: Africanização, desaficanização

O professor/pesquisador Lourival dos Santos aponta outra forma de vermos esse processo. De acordo com o pesquisador, a população negra remanescente dos escravizados, mesmo deixada à deriva, não pode ser vista como passiva e ausente dos jogos de construção da nação. Santos (2013) afirma que Aparecida serviu a diversos jogos de negociações para a inclusão da população negra no projeto de cidadania brasileira. Um longo processo de ‘negociação’ levou a imagem de Aparecida a ser representada como é. O professor explica que, embora não seja possível estabelecer uma data para o início da associação entre a imagem da santa e a cor negra, isso deve ter ocorrido entre o século XIX e o XX, no fim do Império e início da República. Ou seja, a assinatura da Lei Áurea, em 1888, que aparentemente pôs fim a escravidão, marca a cultura imagética de Nossa Senhora Aparecida nascida dos jogos de construção de sentidos entre o povo, a igreja e o estado.



Imagem 2: Princesa Isabel. Fonte: @mongesuburbano (2021).

Ou seja, a imagem não era negra e foi sendo africanizada chegando ao posto de Padroeira do Brasil com essa cor de pele, mas também, as interpretações de sua imagem passam por processos de “morenização”, de rejuvenescimento e até mesmo de completo embranquecimento presentes em imagens decorativas, jóias, em *flyers* de materiais de divulgação de festas e até mesmo em materiais didáticos na educação religiosa para crianças.



Imagem 3: Representações da Padroeira do Brasil. Fonte: Celebração (@santajoanativ8915) e A história (Catequistas Brasil, 2021).

Minas sincréticas: apropriações, resistência e re-existência

Se Aparecida veio das águas doces, a outra mina veio em águas salgadas transoceânicas, em barcos que trouxeram avós e pais daqueles pescadores do rio Paraíba. Dentre os povos traficados para o Brasil destacaram-se dois grupos: Os bantos (que vinham de regiões como o Congo, Angola e Moçambique) e os sudaneses, que vinham da Nigéria e do Benin (e que são os iorubas, ou nagôs, e os jejes) (CANDOMBLÉ [...] s.d).

Esses povos de diferentes procedências e culturas, foram “confrontados” pelo catolicismo português que os via como “seres sem alma”, sendo suas práticas religiosas consideradas bruxarias. Em movimentos de sobrevivência, os negros passaram a cultuar as divindades católicas, obrigados a conversão e a seguir os costumes religiosos dos opressores. Tiveram que criar movimentos de resistência para cultuar suas próprias divindades secretamente.

Perante a religiosidade cristã dos colonizadores, baseada em um catolicismo fincado na Inquisição e num repúdio a quaisquer outras manifestações religiosas, os africanos, em seu afã por sobrevivência, lançaram mão, consciente ou inconscientemente, de um refinado estratagema para driblar a vigilância de seus senhores e poder professar seus cultos originais: o sincretismo religioso, tema central deste trabalho, que vinculamos à ideia de tradução (ROMÃO, 2015. p. 359).



Para Romão a luta por liberdade levou os negros escravizados a criar estratégias de traduções, recriações e adaptações para trocarem os nomes dos orixás por nomes de santos, revelando sua grande perspicácia em entender, com o passar dos anos, qual orixá poderia corresponder a que personagem do panteão dos santos e santas católicas. Esses jogos estratégicos no sincretismo da Virgem de Aparecida em relação a divindades africanas, resultam de apropriações dessa plasticidade das representações da Virgem Maria no próprio catolicismo que vai ao encontro do *modus operandi* das religiões afro e afro-brasileiras. São tantas as virgens quantas são as Oxuns/Iemanjás. Em uma canção interpretada pela cantora Maria Betânia, em resposta a pergunta: - quantos nomes tem a rainha do mar temos: Dandalunda, Janaína, Marabô, Princesa de Aiocá, Inaê, Sereia, Mucunã, Maria, Dona Iemanjá. (BETHÂNIA, Maria. Iemanjá/ Rainha do Mar. 2007)



Imagem 4: Representação pictórica de iemanjá jovem e escultura de Oxum - objeto com fonte em pedra-sabão. Fonte: Adesivo (online) e Porta Axé (online).

Possivelmente foi uma Nossa Senhora-Oxum que assumiu o protagonismo na igreja católica com sua imagem associada a domesticação da mulher ao lar, da mãe zelosa, humilde e obediente, é representada nas imagens de Nossa Senhora da Conceição



ou Nossa Senhora das Graças pisando na cabeça da serpente, um ato nada submisso.

De acordo com Segato (2021) existe uma querela interna entre os praticantes da umbanda, uma divisão das características das divindades pelo tipo de água, Oxum, de água doce, a mãe da criação, mais antiga, mais generosa, enquanto Iemanjá, “[...] é descrita como uma mãe fria, hierárquica, distante e indiferente” (p. 221). Sendo também a mais jovem, das águas salgadas, traz instabilidade e até mesmo o elemento da traição, uma vez que foram nestas águas que africanos e africanas vieram escravizados/as para o Brasil.

Essa oposição evoca a divergência histórica e sociológica entre a mãe branca da casa-grande e a babá negra, ama das filhas e filhos brancos e “legítimos”. Embora respeitada e adorada com opulência, Iemanjá, que eu percebo como palimpsesto da primeira, não é objeto de muita simpatia por parte dos fiéis quando conversam nos quartos de fundos das casas de culto (p. 221).

Aqui mais uma ambivalência, as mães pretas babás tem filhos e filhas brancas. Essa mesma mãe, hibridizada pelos afetos do cuidado é morenizada ou embranquecida nas relações familiares. Mas, temos rincões de verdadeira resistência. Segundo Romão (2015), os processos de tradução, foram se complexificando, não só como disfarce, mas também como formas de re-existência, como por exemplo, o protagonismo das Yabás das irmandades negras, que se instauram como espaços de solidariedade, resistência cultural, religiosidade e identidade racial (QUINTÃO, 2022) que movimentaram a dinâmica social da sociedade brasileira criando zonas intermédias entre o catolicismo e as religiões africanas. Assim, tanto a imagem pescada nas águas do rio, feita de barro, enegrecida pelas águas do rio, depois pela fuligem das velas, quanto o orixá multifacetado, são “minas” passíveis de tradução.

Nas buscas realizadas no “google imagem” encontrei estátuas de Iemanjás brancas em andores e/ou erguidas à beira rio ou à beira mar. Apurei em conversas com praticantes da religião de matriz africana que este é um estratagema para evitar a depredação das imagens motivado pelo preconceito racial. Isso se comprova devido aos constantes ataques às obras públicas como o fato ocorrido em Salvador/Ba com as esculturas dos orixás flutuantes do Dique do Tororó, do artista Tatti Moreno. Esse



mesmo artista teve suas obras atacadas em Goiânia, quando os orixás foram colocados no lago do parque Vaca Brava, que fica em um setor nobre da cidade. Em 2019, o quadro Orixás da artista Djanira da Motta e Silva que retrata divindades de religiões de matrizes africanas foi retirado do Palácio a mando da então primeira dama. Curiosamente, essa ação livrou a obra de ser depredada na tentativa de golpe de 08 de janeiro de 2023 (O CURIOSO CASO, 2021).

Nas minhas buscas por imagens Aparecidas negras, em andores em procissões católicas nas quais é visível que a maioria das pessoas que a seguem é de gente branca e em contrapartida, achei imagens de procissões com Iemanjás brancas, seguida de uma multidão de povo preto.



Imagem 5: 02 de fevereiro: Procissão de Iemanjá. Imagem Branca - povo preto. Fonte: Party (online).



Imagem 6. 12 de outubro - Procissão de Nossa Senhora - imagem negra - povo branco. Fonte: Pesquisador (online).

Longe de lermos essas imagens como sinais de uma democracia mestiça, essas ambivalências trazem jogos de luta de poder onde um dos lados tem sido o sujeito da violência epistêmica como revelam os dados da imagem do Atlas da Violência colocada no início deste texto. Que silêncios estão presentes no contraste entre as duas cenas religiosas?

Outras minas divinas, sincretismos contemporâneos

A mina Lorelai foi pescada na rede internet ao pesquisar a mina aparecida. Jurandir Junior se vestiu de divina e venceu o concurso Miss Brasil Gay em 2019 que o elegeu como o melhor transformista do país. Cabeleireiro na cidade de Sertãozinho (SP), o artista declarou que fez essa homenagem por que é devoto, e que teve o apoio do namorado e de toda a sua família e de muitos amigos. Não teve receio, pois sabia que não estava fazendo nada para prejudicar a imagem da santa, era uma homenagem. A santa foi escolhida por ser a padroeira de Sertãozinho e pelo fato da imagem ter sido achada em um rio paulista, de acordo com a fé católica.



Imagem 07: Lorelai Muller: Miss Brasil Gay Universo com traje em tributo à Nossa Senhora Aparecida. Fonte: Devoto, 2019 (online).

A reportagem não nos informa se Lorelai sofreu represálias, ou se tudo correu bem, mas, outras homenagens de um mesmo teor não foram encaradas assim tão pacificamente, como é o caso das escolas de samba cariocas que homenagearam e tiveram que retirar seus carros alegóricos devido à pressão de entidades religiosas católicas. Em 2016, o trabalho da artista brasileira Ana Smile que bricolou bonecas heroínas com santas de gesso católicas, foi interditado.



Imagem 8. Imagens criadas por Ana Smile - hibridismos visuais entre imagens de Nossa Senhora das Graças e ícones da cultura pop (Denúncia, 2018, online).

A artista criou a marca Santa Blasfêmia. O Tribunal de Justiça de Goiás proibiu a artista de fabricar e comercializar suas estátuas de gesso inspiradas nas minas da cultura pop como Mulher Maravilha, Frida Kahlo, Batman e Galinha Pintadinha. A ação foi impetrada por dom Washington Cruz, religioso da Arquidiocese de Goiânia. Ana teve que retirar os perfis da marca do Facebook e do Instagram, e também precisou retirar os produtos de uma loja física em Brasília, além de ter sido violentamente perseguida nas suas redes sociais. Em 2018 a denúncia contra a artista foi arquivada.

As ambivalências e desdobramentos dessas conexões que trouxemos para esse texto procuraram formas de responder indagando: o que essas representações podem dizer, de forma explícita ou implícita sobre questões de gênero, classe, especialmente sobre mulheres negras na sociedade brasileira? Que pedagogias carregam nas suas representações? Como repercutem dentro e fora do âmbito de cada manifestação religiosa? Aprendemos com os Estudos Culturais que ‘cultura’ não é um espaço neutro, sendo, pelo contrário, um território discursivo em constante disputa pela imposição de significados. Para Rosa Fischer (2022) o dispositivo pedagógico da mídia se materializa em meios de informação e comunicação [que] constroem significados e atuam decisivamente na formação dos sujeitos sociais (p.60).



A cada resultado das imagens que surgiam no google, procurei perscrutar estratégias e artimanhas de traduções, recriações e adaptações que definiam esta ou aquela imagem. As colocações de Romão e de Silva, também me fizeram pensar em jogos de obediências e desobediências, de adaptações e resistência dos sincretismos culturais. Entre visualidade e cultura existe uma relação complexa “[...] na qual diversas camadas interagem entre si. Na construção das imagens diversos fatores participam como mecanismos da formação e interpretação dos fenômenos visuais”. (FERNÁNDEZ e DIAS, 2014, p. 108).

Esses elementos históricos, possibilitam múltiplas leituras das “minas” que passam por frequentes processos de embranquecimento e de ocidentalização do biótipo do corpo feminino de padrão branco, que serve de modelização para formação de identidades em diversas situações pedagógicas onde a imagem é preponderante. Raimundo Martins nos lembra que na premissa dos Estudos Culturais:

[...] qualquer artefato é passível de gerar aprendizagem, ou seja, pode-se criar pedagogias, modos de ensinar e possibilidades de aprender a partir de qualquer artefato cultural. A aprendizagem é resultado de articulações, esquemas, processos internos e externos acionados por práticas e atividades individuais e coletivas através das quais os indivíduos se apropriam de experiências socioculturais como pessoas ativas (MARTINS, p. 6).

Para finalizar (o texto, uma vez que o exercício continua) é fundamental perceber o engrenamento de Aparecida como forma de resistência política e social na sociedade brasileira nos idos do império e primeira república. As operações de sincretismos entre as divindades também fazem parte dessas táticas de resistência, mas, infelizmente, arrisco dizer que os mecanismos de morenização e embranquecimento das tanto de Aparecida quanto de Iemanjá nas suas imagens veiculadas na internet favorecem operações pedagógicas que continuam revelando gerações e gerações educadas pelo racismo, como podemos ver a cada notícia sobre ataques a jogadores de futebol, a pessoas negras em lojas de departamento e aeroporto e às crianças e adolescentes negros/as em escolas públicas e particulares. Os ataques passam por xingamentos explícitos e/ou ações de exclusão em rodas de conversa, grupos de trabalho dentre a outras formas noticiadas.



Neste pequeno exercício de *googlar* imagens das “minas divinas” foi possível vislumbrar que a (des)educação para a discriminação é uma construção histórica que se reinventa constantemente na produção imagética de artefatos culturais. Na busca também surgiram contravisualidades de outras minas, outras donas, outras representações de corpos e de vidas, expondo a indignação contra violências das quais são objeto, violências essas, que de uma maneira às vezes sutil, ora escancarada, estão postas nas ambivalências apontadas nas representações das aparecidas e das iemanjás. Trago esses apontamentos em aberto, pensando na contribuição de um ensino de artes visuais que invista em uma pedagogia crítica das imagens, em todas as etapas de formação escolar, que possa problematizar o que a mídia, a escola e a sociedade normatiza e pacifica.

Referências

A HISTÓRIA de nossa senhora [...]. **Catequistas Brasil**, 6. Out. 2020. Disponível em: <https://catequistasbrasil.com.br/a-historia-de-nossa-senhora-aparecida-para-as-criancas/>. Acesso em: 10 maio 2024.

ADESIVO ogum. Produto. **Mercado Livre**. Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1408059797-adesivo-ogum-art-decora-33-cm-x-48-cm- JM>. Acesso em: 18 jun. 2024.

ATLAS violência. **IPEA**, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3299-dashpessoas-negrasfinalconferido.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003.

CANDOMBLÉ e umbanda - Religiões com influência africana e sincretismo religioso. **Uol Educação**, Heide Strecker, s. d. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/candomble-e-umbanda-religioes-africanas-e-sincretismo-religioso.htm>. Acesso em: 16 jun. 2024.

CELEBRAÇÃO de nossa senhora [...]. **Youtube**: Rádio e Tv Santa Joana. @radioetvsantajoana8915. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/8MQxyQ1GrX4>. Acesso em: 17 jun. 2024.



DENUNCIA contra a artista [...]. Wanessa Martins, 13 jun. 2018, **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/denuncia-contr-a-artista-plastica-ana-smile-que-faz-esculturas-de-santos-pop-e-arquivada-em-goias.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2024.

DEVOTO jovem vence miss [...]. Pedro Martins, 29 ago. 2019, **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/08/29/devoto-jovem-vence-miss-brasil-gay-universo-com-traje-em-tributo-a-nossa-senhora-aparecida.ghtml>

FERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. Pedagogias Culturais nas entre viradas: eventos visuais artísticos. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (org.) **Pedagogias Culturais**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014.

FISCHER, Rosa B. Midia e educação da mulher: Uma discussão sobre modos de enunciar o feminino na TV. Revista Feministas, 9(2), 586-599. **Rev. Estud. Fem.** 9 (2), 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/4tZBgz3WNxbf5dX4qdyKQJJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2024.

FISCHER, Rosa B. O estatuto pedagógico da midia: Questões de análise. **Educação & Realidade**, 22(2), 59-80. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71363>. Acesso em: 17 jun. 2024.

ILLERIS, Helene; ARVEDSEN, Karsten. Fenômenos e Eventos Visuais: reflexões sobre currículo e pedagogias da cultura visual. In: MARTINS e TOURINHO, (orgs.) **Culturas das Imagens**: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2016, p. 23-49.

LOPES, André Camargo. A Santa na foto: O trânsito entre a tradição oral e a Igreja na construção da devoção a imagem de Nossa Senhora Aparecida. In: **Anais do XXIII Encontro Regional de História da ANPUH - MG**. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71363>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MARTINS, Pedro. jovem vence Miss Brasil Gay Universo com traje em tributo à Nossa Senhora Aparecida. **G1**, Ribeirão Preto e Franca, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/08/29/devoto-jovem-vence-miss-brasil-gay-universo-com-traje-em-tributo-a-nossa-senhora-aparecida.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MARTINS, Raimundo. Pedagogias críticas e pós-críticas na pesquisa em educação e arte. In: **Pedagogias, Espaços e Pesquisas Moventes nas Visualidades Contemporâneas**. 1. ed. Goiânia: Gráfica da UFG, 2016, v. 10, p. 109-118.

MONGE suburbano. **Eu diante de vós, sou uma princesa da terra** [...]. S.l. 11 out. 2021. X: @mongesuburbano. Disponível em:



<https://twitter.com/mongesuburbano/status/1447722853080653824/photo/1>. Acesso em: 17 jun. 2024.

O CURIOSO caso [...]. **Veja**, Raquel Carneiro, 9 jan. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/o-curioso-caso-do-quadro-de-orixas-que-escapou-da-invasao-bolsonarista>. Acesso em: 18 jun. 2024.

PARTY in honor [...]. **PngTree**. Disponível em: https://pngtree.com/freebackground/party-in-honor-of-iemanja-oxum-tradition-afro-descendant-photo_12123545.html. Acesso em: 17 jun. 2024.

PESQUISADOR de MS revela [...]. **Campo Grande News**, 12 out. 2017. Disponível em: <https://diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=97469>. Acesso em: 18 jun. 2024.

PORTA Axé – Orixá Iemanjá. Produto. **Mercado Livre**. Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1467817824-porta-axe-orixa-iemanja- JM>. Acesso em: 18 jun. 2024.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Irmandades Negras**: outro espaço de luta e resistência. (São Paulo: 1870 – 1890), 1ª edição – Editoras Annablume e Fapesp, 2002.

ROMÃO, Tito Lívio da Cruz. **Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional**: divindades africanas e santos católicos em tradução. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n (57.1): 353-381, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/BYNWpsPRxzMYh4qGGCwH5Vk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SANTOS, Lourival dos. **O enegrecimento da Padroeira do Brasil**: religião, racismo e identidade (1854-2004). Salvador: Editora Pontocom, 2013. Série Acadêmica, 3 Coleção NEHO-USP.

SEBASTIÃO, Walter (26 de março de 2002). Saber fazer. Caderno *EM Cultura*. **Jornal Estado de Minas**.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios**: e uma antropologia por demanda. Tradução Danielli Jatobá, Danú Gontijo. – 1.ed.-Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

YEMANJÁ rainha do mar. [Compositores]: Pedro Amorim e Paulo César Pinheiro. [Intérprete]: Maria Bethânia. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2007. CD Duplo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lalnmZis2lw>. Acesso em: 14 jun. 2024.